

Introdução

A análise cuidada das «semelhanças e divergências» entre Moby Dick e Bartleby exigiria, creio, uma atenção que a brevidade destas páginas não permite. As «divergências» são naturalmente evidentes. Ahab, o herói da longa fantasmagoria a que Melville deve a sua própria fama, é um capitão oriundo do Nantucket, mutilado pela baleia branca, e que decide vingar-se. O cenário são todos os mares do mundo.

Bartleby é um escrivão de Wall Street, empregado no escritório de um advogado e que se recusa, com uma espécie de humilde obstinação, a executar qualquer tipo de trabalho. O estilo de Moby Dick abunda em esplêndidos ecos de Carlyle e de Shakespeare; o de Bartleby não é menos cinzento do que o próprio protagonista. Todavia, decorreram apenas poucos anos — 1851 a 1856 — entre o romance e o

conto. Dir-se-ia que o escritor, esmagado pela desmesura do espaço do romance, procurou deliberadamente as quatro paredes de um pequeno escritório, perdido na barafunda da cidade.

As «semelhanças» talvez mais escondidas encontram-se na loucura dos dois protagonistas e na incrível circunstância de uma tal loucura contagiar todos os que os rodeiam. A tripulação do Pequod em peso entrega-se com fanático fervor à insensata aventura do capitão; o advogado de Wall Street, bem como os outros escrivãos, aceita com singular passividade a decisão de Bartleby. Nem por um instante a demente obstinação quer de Ahab quer do escrivão vacila, acabando por conduzi-los à morte.

Mau grado a sombra que projectam, mau grado as personagens concretas que os rodeiam, os dois protagonistas estão sós.

O tema omnipresente de Melville é a solidão; a solidão foi talvez o facto central da sua desventurada vida. Sobrinho de um general da Guerra da Independência e descendente de uma família antiga de sangue holandês e inglês, nasceu em Nova Iorque em 1819. Doze anos mais tarde o seu pai morreu, perseguido pela loucura e pelas dívidas. Devido à penosa situação económica da numerosa família, Herman foi obrigado a interromper os seus estudos. Experimentou, sem sorte, o exercício mecânico de um ofício e o tédio e os horários da docência e, em 1839, alistou-se como marinheiro num veleiro. Esta viagem marítima reforçou a pai-

xão pelo mar, que herdara dos seus antepassados e que marcou tanto a sua obra literária como a sua vida. Em 1841 embarcou no baleeiro Acushnet. A viagem durou ano e meio e inspirou muitos episódios do ainda desconhecido Moby Dick. Devido à crueldade do capitão, desertou, juntamente com outro marinheiro, tendo abandonado o barco nas ilhas Marquesas. Ficaram prisioneiros dos canibais durante um par de meses e conseguiram fugir a bordo de um cargueiro australiano, que abandonaram em Papeete. Melville prosseguiu neste hábito de se alistar e desertar, até que acabou por regressar a Boston, em 1844. Cada uma destas etapas esteve na base de sucessivos livros. Completou a sua educação universitária em Harvard e Yale. Regressado a casa, só então começou a frequentar os círculos literários.

Em 1847, casou-se com Elizabeth Shaw, oriunda de uma família aristocrática; dois anos mais tarde viajaram juntos até Inglaterra e França e, no regresso, fixaram-se numa quinta isolada no Massachusetts, que foi o seu lar durante algum tempo. Aí estabeleceu amizade com Nathaniel Hawthorne, a quem dedicou Moby Dick. Submeteu o manuscrito da obra à sua apreciação e, uma vez, enviou-lhe um capítulo dizendo: «Aqui vai, como exemplo, uma barba da baleia.» Um ano mais tarde publicou Pierre or the Ambiguities, livro a cuja imprudente leitura me lancei e que não me desconcertou menos do que aos seus contemporâneos. Ainda mais inextricável e monótono é Mardi (1849), que se

desenrola nas regiões imaginárias dos mares do Sul e apresenta um final em aberto. Uma das duas personagens, o filósofo Babbalanja, é o estereótipo daquilo que um filósofo não deve ser. Pouco antes de morrer, publicou uma das suas obras-primas, Billy Budd, cujo argumento comovedor consiste no conflito entre a justiça e a lei, e que inspirou uma ópera de Britten. Melville dedicou os últimos anos da sua vida à procura de uma chave para o enigma do universo. Teria gostado de ser cônsul, mas foi forçado a aceitar um cargo subalterno de inspetor aduaneiro em Nova Iorque, tarefa que desempenhou durante muitos anos. Este emprego, que o salvou da miséria, foi resultado das diligências de Hawthorne. Diz-se que Melville, entre outros problemas, não terá sido feliz no casamento. Era alto e robusto, tinha a pele bronzeada do mar e a barba negra.

É Hawthorne quem fala da modéstia dos seus hábitos. Andava sempre impecável, mesmo se a sua bagagem se limitava a uma maleta já bastante usada, contendo um par de calças, uma camisa encarnada, uma escova de dentes e outra de cabelo.

Os hábitos arreigados da vida de marinheiro haviam-lhe instilado esta austeridade.

O esquecimento e o abandono foram o seu destino derradeiro.

Na décima segunda edição da Enciclopédia Britânica, Moby Dick surge referido como um mero romance de aventuras. Por volta de 1920, foi descoberto pela crítica e, muito mais importante do que isso, pelos leitores em geral.

No segundo decénio do século XX, Franz Kafka criou uma forma notável do género fantástico em cujas inesquecíveis páginas o inacreditável assenta mais no comportamento das personagens do que nos factos. Assim, em O Processo (Der Prozess), o protagonista vê-se julgado e executado por um tribunal destituído de qualquer autoridade, cuja severidade aceita sem o mínimo protesto. Melville, mais de meio século antes, cria o estranho caso de Bartleby, que não só age de forma contrária a toda a lógica, como constrange os outros a tornarem-se seus desalentados cúmplices.

Bartleby é mais do que um artifício ou um devaneio ocioso da imaginação onírica; é fundamentalmente um livro triste e verdadeiro, onde se mostra que a inutilidade essencial é uma das quotidianas ironias do universo.

Jorge Luis Borges